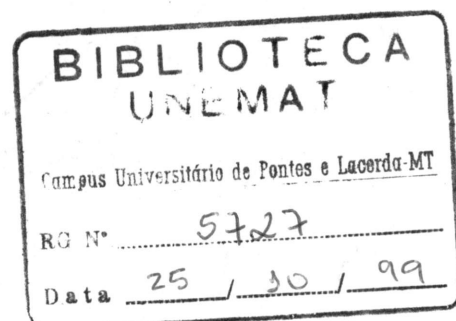


Odete Dias de Almeida
Professora Orientadora: Maria Inês Parolin Almeida

As Imagens do Sertanejo no Regionalismo.



As Imagens do Sertanejo no Regionalismo.

Meu interesse por literatura surgiu quando eu ainda era muito pequena, pois cresci vendo minha mãe ler à luz de lamparinas a querosene todas as noites. Meu fascínio pelos livros e revistas que minha mãe lia aumentava à medida em que eu ia crescendo. Assim, quando chegou o ano em que eu iria para a escola, fui com um objetivo bem definido: aprender a ler para Ter acesso àqueles livros.

Não demorou muito tempo para que eu comesse a lê-los. Alguns eu entendia, outros não, mas mesmo assim a leitura tornou-se um hábito para mim.

Quando eu tinha nove anos e estava na 3ª série, minha mãe levou-me à cidade de Governador Valadares, onde ela comprava seus livros e revistas. Nós morávamos no interior, foi a primeira vez que fui a uma cidade grande e esta viagem foi muito importante para mim. Minha mãe adorava ir ao cinema, pois toda sua juventude antes de casar-se ela viveu em Valadares e o cinema era sua maior distração.

Toda vez que ela viajava aproveitava para ir ao cinema e neste dia em que viajei com ela, lá fomos nós. Estava passando "Os Dez Mandamentos". Tudo me chamou a atenção: o ambiente, o filme e o fato de ficar sabendo que aquela história que se desenrolava diante de meus olhos estava escrita na Bíblia.

Ao chegarmos em casa, a velha Bíblia da família que vivia guardada, ganhou uma fiel leitora. Não me satisfiz em ler apenas a história narrada no filme e folheava-a incansavelmente em busca de novas histórias assim que terminava de ler a que começara. Nunca tive acesso a livros infantis ou gibis, fui conhecê-los quando já morava no Mato Grosso, aqui em Pontes e Lacerda, aos 11 anos e fui estudar em Cáceres. Assim cultivei o hábito de ler, lendo coisas para adultos.

Quando já fazia o 1º ano do magistério, descobri que uma colega tinha em sua casa toda a coleção de José de Alencar. Eu já trabalhava um período, criava os meus três filhos sozinha, estudava a noite, cuidava de todo serviço doméstico e ainda encontrei tempo para ler toda aquela maravilha durante oito meses.

Já no curso de letras, cada disciplina de literatura que surgia durante os semestres me encantava, pois eram novos facetos dessa arte que eu ia conhecendo. Desse modo, não podia pensar em nenhuma outra área para fazer este projeto de pesquisa que não fosse a literatura, embora eu não tenha quase que nenhum conhecimento sobre teoria literária, apenas li muitas obras e autores diversos.

Neste semestre, na busca sobre o que analisar em meu ensaio monográfico, li o livro "Raízes do Pantanal", de Augusto César Proença e comecei a pensar na possibilidade de fazer um estudo comparativo com "O Sertanejo"

de José de Alencar, mas comparar o quê? Tinha o *corpus* de análise, porém faltava-me uma definição sobre o aspecto que achava mais relevante dentro dessas obras, para que este pudesse se constituir no recorte para o meu trabalho.

Pensei em várias possibilidades, inclusive em deixar “O Sertanejo” de Alencar e trabalhar com as duas visões diferentes sobre o Pantanal. Uma mostrada por Augusto César Proença em “Raízes do Pantanal” e outra por Tereza Albues em “O Berro do Cordeiro em Nova York”, ambos autores mato-grossenses.

Depois de muito pensar, o que pesou mais foram as duas obras iniciais, escritas em períodos distintos e distantes, mas com semelhanças muito grandes, sobre as quais apresento algumas hipóteses:

a)- O homem é constituído pelo meio, havendo assim uma relação de causa e efeito;

b)- O homem do campo é íntegro, forte, justo, honesto e religioso, inclusive supersticioso;

c)- Os valores que o constituem são passados de pai para filho, portanto são imutáveis;

d)- Será que o personagem sertanejo na contemporaneidade não sofreu ainda nenhuma influência da onda consumista dos grandes centros urbanos? Ele continua puro, com a moral acima de qualquer suspeita? Sua palavra tem o mesmo valor? Ele trata a terra com respeito e tira dela apenas o necessário para o sustento da família, ou já a devasta para dela obter grandes produções visando lucros?

e)- A palavra do pai é uma ordem inviolável para os filhos, e estes, além de o obedecerem cegamente, nutrem uma grande admiração por ele, isto no período romântico. E na contemporaneidade, será que eles ainda renunciaram ao amor e à felicidade para cumprirem a vontade dos pais?

f)- Em relação à esposa do “sertanejo”, ela ainda é a sombra do marido ou apenas silencia seus gritos de liberdade e vontade própria?

g)- Há uma grande disputa pela posse da terra nos dois romances, o que gera uma trama de conflitos entre um fazendeiro e outro, ou entre fazendeiros e índios. Porém parece haver uma diferença entre as personagens principais das duas obras, pois Arnaldo em “O Sertanejo” não possui uma propriedade sua e isso parece levá-lo a ter uma relação diferente com a terra, daquela que tem quem é proprietário e a tem como posse, como dono.

h)- A obra “Raízes do Pantanal”, apesar de ser escrita mais de um século depois de “O Sertanejo”, dá-nos a impressão de que o autor a escreveu através de um processo parafrástico, tamanha a semelhança que nos salta à primeira vista, em relação à obra de Alencar.

Neste sentido Eni P. Orlandi, em sua obra “Discurso e Leitura”, trata da paráfrase e da polissemia, e diz: *Tenho enfatizado a importância de se ter em conta a polissemia, pois é a possibilidade de múltiplos sentidos para uma mesma enunciação que fundamenta a atividade do dizer. No entanto, não se deve desconhecer a força do mesmo, da paráfrase, na linguagem*¹. Na nota

¹ ORLANDI, Eni P. “Discurso e Leitura”, Campinas, SP, Cortez / Editora da Unicamp, 1993, p.86.

de rodapé Orlandi ainda coloca que *a paráfrase é a permanência do mesmo sentido sob formas diferentes*, por isso a hipótese levantada na letra “h”. A Literatura Contemporânea tem apresentado grandes mudanças e, no entanto, as obras regionalistas têm a tendência de seguir a mesma forma de um século atrás.

Ao analisar estas duas obras, em hipótese acredito que poderei deparar-me com visões do período romântico presentes ainda na contemporaneidade, pois estas são visões cristalizadas do regionalismo, porém acredito também que poderei ter algumas surpresas, visto que em ambos os romances, as personagens são constituídas por silenciamentos e *o silenciamento, no entanto, sempre se acompanha de um movimento de sentidos*². Sendo assim, nesses silêncios podem estar mudanças quase imperceptíveis.

Assim, diante de tantas semelhanças, decidi pelo estudo da figura do “sertanejo” dentro das obras “Raízes do Pantanal”, obra contemporânea e “O Sertanejo”, obra romântica, ambas regionalistas.

Dessa forma, o objeto específico que estaremos abordando nessas obras será as personagens, a fim de verificarmos se a sua representação é a mesma.

Primeiramente pretendemos averiguar se o romantismo da personagem romântica continua presente na personagem contemporânea, ou a realidade já se sobrepõe à fantasia predominando a razão nessa personagem.

Um outro aspecto a verificar dentro de cada obra será a relação do “sertanejo” com as outras personagens e para isso estaremos observando como elas são constituídas e o que uma reflete sobre as outras, pois há sempre uma correlação entre as personagens, apesar da particularidade de cada uma.

A esse respeito vejamos o que Leibniz diz: *No entanto, as Mônadas precisam ter algumas qualidades, pois, caso contrário, nem mesmo seriam entes. Se as substâncias simples em nada diferissem pelas suas qualidades, não haveria meio de se aperceber qualquer modificação nas coisas, pois o que está no composto não pode vir senão dos ingredientes simples, e as Mônadas, não tendo qualidades, seriam indistinguíveis umas das outras...*

É mesmo preciso todas as Mônadas diferirem entre si, porque na Natureza nunca há dois seres perfeitamente idênticos, onde não seja possível encontrar uma diferença interna, ou fundada em uma denominação intrínseca.

Uma das exigências de Leibniz para se analisar uma obra de arte é encontrar argumentos dentro da própria obra, pois de acordo com ele *as mudanças naturais das Mônadas procedem de um princípio interno, pois no seu íntimo não poderia influir causa alguma externa, visto que as Mônadas não têm janelas por onde qualquer coisa possa entrar ou sair*. Assim, seguindo esse princípio *nem substância, nem acidente podem vir de fora para dentro da Mônada*.

Partindo destes conceitos mencionados acima, estaremos observando a obra como um todo que vai refletir as outras, sem contudo, deixar que nada por fora a comprometa.

A personagem, assim como a obra, será estudada como um todo, mas

2 ORLANDI, Eni Puccinelli. “Interpretação”, Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p.34.

com a capacidade de refletir as outras, pois de acordo com a teoria da Monadologia o todo se reflete numa Mônada, por isso ao mesmo tempo que ela é uma é múltipla e quanto mais ela refletir as outras será superior.

Meu objetivo principal será estar verificando se a representação do sertanejo nessas obras não sofreu nenhuma mudança nos valores morais, familiares ou religiosos, pois em se tratando de romances regionais há uma relação de causa e efeito e se tudo passa por transformações, o meio onde vive o "sertanejo", será que não passou por nenhuma mudança durante um século inteiro? Ou elas foram tão pequenas que não chegaram a afetar nenhum dos valores que constituem a personalidade do "sertanejo"?

Um outro objetivo será observar se realmente há a possibilidade dos sentidos sobre a representação do sertanejo estarem em eixo parafrástico, visto que o regionalismo que começou com Alencar, ainda com a denominação de sertanismo, tem todo um desenvolvimento histórico. Eni Orlandi falando a respeito do histórico diz o seguinte: *O histórico, para nós, traz, em si, essa ambigüidade: porque é histórico, muda, porque é histórico, permanece*³. Isto é, o histórico que não possui os sentidos cristalizados muda, mas o que os possui, permanece, como é o caso do regionalismo.

Outra questão será analisar se essa paráfrase seria o silenciamento que já havia no romantismo e se ele também está presente no regionalismo contemporâneo. Como consequência estarei verificando a situação do regionalismo na Literatura Matogrossense hoje. Como ele se apresenta, se sua preocupação é a mesma ou segue um novo rumo, sem estar preso à antiga forma.

Estas são questões para as quais estarei tentando encontrar respostas em minha pesquisa. Não sei se as encontrarei mas com certeza as perseguirei incansavelmente e para isto estarei me reunido com minha orientadora todas as segundas e sextas-feiras pela manhã e se necessário estaremos marcando outros dias também para discutirmos as leituras feitas e tornarmos esta pesquisa algo concreto.

BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, José de. *O Sertanejo*. Série Bom Livro / Edição Didática, Ática, SP., 1987.
- _____. *Til*. Série Bom Livro / Edição Didática, Ática, 2 ed., SP. 1997.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 64 ed. Rio/São Paulo, Record, 1993.
- _____. *São Bernardo*. 67 ed., RJ, Record, 1997.
- PROENÇA, Augusto César. *Raízes do Pantanal: Cangas e Canzis*, BH., Itatiaia, Série Buriti, volume 46, 1989.
- CANDIDO, Antonio. "A Personagem do Romance". In: *A Personagem de Ficção*. Coleção Debates, Perspectiva, 9 ed., SP., 1995.
- _____. *Análise Crítica do Romance*. Curso ministrado em São Paulo, 1963.
- _____. *Formação da Literatura Brasileira*. Itatiaia, BH./RJ., 7 ed., 2º volume, 1993.
- MARTINS, Eduardo Vieira. *A Imagem do Sertão em José de Alencar*. Tese de mestrado em Letras. Unicamp, 1997. Cópia Xerográfica.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. 1993
- MAQUÊA, Vera Lúcia da Rocha. *Espaço e voz: a viagem de Alice*. A personagem criança em Graciliano Ramos. Monografia apresentada à disciplina de Literatura Infanto-Juvenil Brasileira de Mestrado em Letras. Curitiba, 1997. Cópia Xerográfica.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes. *A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro*. (1857 – 1945), Achiané, RJ., 1981.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da Literatura Brasileira: prosa de ficção: 1870 a 1920*. Belo Horizonte: Itatiaia, Ed. da Universidade de São Paulo, SP., 1988.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. "O Sertão e o Gado". In: *As Formas do Falso*. Série Debates, Perspectiva, SP., 1986.
- TODOROV, T. "Os Homens – Narrativa". In: *Poética da Prosa*. 70 ed., Lisboa, 1979.
- SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, Qual Romance?* Achiané, RJ., 1984.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e Leitura*. Campinas, SP., Cortez/Editora da Unicamp, 1993.
- _____. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. 4 ed., Campinas, SP., Editora da Unicamp, 1997.
- _____. *Interpretação*. Petrópolis, RJ., Vozes, 1996.